



## SAÚDE

Indústria brasileira trabalha para garantir produção própria de insumos farmacêuticos. Materiais envolvem medicamentos, vacinas, equipamentos médicos e produtos para diagnóstico. Investimento bilionário está nas mãos do governo

# Em busca de independência

» MAYARA SOUTO  
» VITÓRIA TORRES\*

Insumos Estratégicos em Saúde do Ministério da Saúde, Carlos Gadelha.

### Dependência

A inauguração de nova fábrica de medicamentos da Empresa Brasileira de Hemoderivados e Biotecnologia (Hemobrás), em Pernambuco, reacendeu o debate sobre a autossuficiência do Brasil na produção de insumos próprios. Especialistas ouvidos pelo **Correio** estão otimistas quanto à independência do país, mas apontam que há um longo caminho para alcançar 100% de produção local.

A fábrica inaugurada pretende suprir toda a demanda brasileira pelo medicamento fator VIII recombinante (Hemo-8r), usado por pessoas com hemofilia — doença que causa problemas na coagulação do sangue — além de terminar com a dependência internacional para obter esse fármaco.

Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi), a produção do país representa apenas 5% dos insumos usados na fabricação de remédios e vacinas. O restante é importado de outros países.

“Hoje, o Brasil tem uma dependência muito grande no complexo econômico industrial da saúde. Só na pandemia, as importações aumentaram em US\$ 5 bilhões. Estamos importando um patamar de US\$ 23 a US\$ 25 bilhões por ano”, destacou o secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e



**Hoje, o Brasil tem uma dependência muito grande no complexo econômico industrial da saúde. Só na pandemia, as importações aumentaram em US\$ 5 bilhões. Estamos importando um patamar de US\$ 23 a US\$ 25 bilhões por ano\***

**Carlos Gadelha,**  
secretário do  
Ministério da Saúde

Esses materiais citados envolvem medicamentos, vacinas, equipamentos médicos, produtos para diagnóstico e insumos farmacêuticos ativos. Na crise sanitária durante a pandemia de covid-19, o Brasil ficou à mercê do desenvolvimento das vacinas por outros países por falta de insumos para a produção.

“Vimos o risco de depender de 90% dos insumos farmacêuticos ativos. Equipamentos de alta complexidade como ressonância magnética, tomógrafo, toda essa área de tecnologia da informação, a dependência é quase que integral”, apontou Gadelha.

O estudo realizado pela Abiquifi, em 2021, mostrou que o Brasil precisaria investir em média de US\$ 1 bilhão em desenvolvimento e infraestrutura para ampliar em 20% a produção nacional em um período de até 10 anos.

Em setembro do ano passado, o governo federal lançou a nova estratégia nacional para o desenvolvimento do complexo econômico industrial da saúde, que visa expandir a produção nacional de itens prioritários para o Sistema Único de Saúde (SUS) e aumentar a autonomia do setor. O investimento previsto até 2026 é de R\$ 42 bilhões.

“Temos uma meta geral de ter no Brasil pelo menos 70% de

Reprodução unsplash



Segundo especialistas, a dependência da importação de produtos prejudicou o país durante a crise sanitária de covid-19

produção nacional para atender às necessidades críticas da atenção à saúde. Assim, teremos uma capacidade de resposta rápida frente a uma emergência sanitária”, explicou Carlos Gadelha.

O Ministério da Saúde informou que aplicou parte da verba do plano no desenvolvimento de terapias avançadas, vacinas com tecnologia RNA, soros e ampliação da capacidade produtiva em medicamentos e imunizações no Instituto Butantan e na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

O recurso inclui também um aporte de R\$ 393 milhões investidos na Hemobrás para conclusão de fábrica voltada à produção nacional de imunoglobulina e outros hemoderivados estratégicos.

A previsão é de que os insumos atendam toda a demanda brasileira por esses medicamentos e que beneficiem cerca de 15 mil brasileiros com hemofilia, uma condição genética que afeta a coagulação do

sangue e exige um tratamento constante e especializado.

O diretor-secretário geral do Conselho Federal de Farmácia (CFF), Gustavo Pires, acredita na possibilidade de o Brasil expandir a área industrial da saúde por meio de incentivos do Executivo. “É possível diminuir a dependência, e conseguir produzir insumos cuja patente esteja vencida”, disse.

Nesses casos, medicamentos de todo mundo podem ser reproduzidos em outros países e laboratórios, o que amplia o desenvolvimento de novas tecnologias medicamentosas.

Com a eliminação da dependência externa na produção de medicamentos para a saúde pública do país, o diretor-secretário da CFF ressaltou que o impacto recairia diretamente nos preços e na disponibilidade deles.

Segundo ele, a capacidade de produzir insumos brasileiros não apenas garantiria um suprimento estável de

medicamentos, mas também poderia contribuir para a redução dos custos e para melhor distribuição de recursos de saúde.

### Economia farmacêutica

O setor é um dos maiores pilares da economia, como aponta a 6ª edição do *Anuário Estatístico do Mercado Farmacêutico*, publicado pela Secretaria-Executiva da Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos (SCMED). De acordo com os dados, referentes ao ano de 2022, o faturamento gerado pela venda de medicamentos atingiu a marca de R\$ 131,2 bilhões.

Em média, o preço global de medicamentos em 2022 foi de R\$ 22,98, com os medicamentos biológicos alcançando o valor médio mais alto, de R\$ 379,90, seguidos pelos remédios novos e similares, com preços médios de R\$ 45,62 e R\$ 15,03, respectivamente. Os

genéricos, por sua vez, apresentaram um preço médio mais baixo, de R\$ 8,50, trazendo acessibilidade aos tratamentos de saúde.

No que diz respeito à liderança do mercado, a Fiocruz lidera o ranking das empresas independentes que mais faturaram em 2022. Por sua vez, o Butantan ocupa o 7º lugar entre as 20 maiores empresas independentes.

“Nos últimos anos, Farmanquinhos/Fiocruz realizou acordos de parceria para internalizar medicamentos estratégicos e novas tecnologias, inclusive para a produção de [ingrediente farmacêutico ativo] IFAs. Com essas cooperações com indústrias privadas nacionais e internacionais, o instituto adquiriu conhecimento técnico e ampliou o acesso da população a medicamentos de alto custo”, disse a Fiocruz ao **Correio**.

\*Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

## CULTURA

# Adeus a Ziraldo

Em velório aberto ao público, fãs, parentes e amigos se despediram, ontem, do cartunista e escritor Ziraldo Alves Pinto. Um dos maiores nomes da literatura e arte brasileira morreu no sábado, aos 91 anos, de causas naturais. A cerimônia começou pela manhã, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Na parte da tarde, aconteceu o sepultamento do desenhista.

Ao lado do caixão, um boneco do Menino Maluquinho, personagem mais conhecido criado pelo artista, e outro de Jeremias, o Bom. Durante a cerimônia, foi reproduzido um áudio com palavras de Ziraldo, o que foi longamente aplaudido pelos presentes.

Também estiveram presentes na despedida famosos e políticos brasileiros como o prefeito do

Rio de Janeiro, Eduardo Paes, o presidente da Embratur, Marcelo Freixo, a deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ) e os atores Andréa Beltrão, Camila Pitanga, Antônio Pitanga, Enrique Diaz, Fernanda Torres e Otávio Müller.

“Fiquei muito impressionada com a repercussão”, disse a filha de Ziraldo, a cineasta Daniela Thomas. “Minha família toda está muito emocionada com a onda de amor e de reconhecimento que a gente está vivendo.”

O prefeito do Rio, Eduardo Paes, enalteceu a importância do escritor para a própria cidade. “A gente sabe que Minas Gerais é muito conectada com o Rio, e o Ziraldo era um desses mineiros que marcaram a história desta cidade. A partir aqui do Rio que ele foi construindo esse legado”, declarou.

### Carreira ilustre

Além do popular *O Menino Maluquinho*, as obras de Ziraldo permeiam a arte infantil brasileira. O primeiro trabalho foi em 1939 (com apenas 6 anos de idade). Trata-se de uma ilustração publicada no jornal *A Folha de Minas* — onde anos depois, em 1954, passou a comandar uma página de humor.

A *Turma do Pererê* foi o primeiro trabalho nacional em quadrinhos e mergulhou no folclore brasileiro. O material parou de circular com o advento da ditadura militar em 1964. Cinco anos depois, Ziraldo fundou o periódico *O Pasquim* — com importante posicionamento político.

Logo após o Ato Institucional Número 5 (AI-5) da ditadura, em 1968, Ziraldo foi preso. Foi só em 1979 que o desenhista passou a se dedicar à literatura infantil. O maior sucesso, *O Menino Maluquinho*, foi publicado em 1980. (Com Agência Estado)

Carlos Santtos/Estadão Conteúdo



Ziraldo é homenageado por fãs e amigos durante velório no Rio. Escritor morreu de causas naturais